

A representação da nasalidade: o que nos revelam as grafias infantis

N. C. R. Moreira – UFC

A nasal pré-consonantal é um elemento gráfico polimorfo e univalente (“n” ou “m”, com uma mesma função); participa de vários grafonemas – “grafonema é o emparelhamento entre um grafema e sua contraparte fonêmica” (Véronis, 1986): “an / am” → /ã/; “en / em” → [ẽ]; “in / im” [ĩ]; “on / om” [õ]; “un / um [ũ]; participa da natureza dos dígrafos, mas não tem a sua estabilidade (a consoante pode variar); tem função diacrítica (permite a discriminação dos valores fônicos de grafemas), mas não é um diacrítico; é um dos elementos do conjunto de signos gráficos destinados a representar aspectos suprasegmentais (nasalidade).

Apesar dessa natureza complexa, a nasal pré-consonantal tem seu emprego regularizado pelo sistema ortográfico do português através das regras de dependência contextual, diferentemente do que ocorre com outros grafonemas do português.

Tais considerações tornam a análise dos problemas evidenciados em sua aquisição promissora para a compreensão das estratégias ortográficas, pois embora a nasal não apresente as assimetrias nas relações som-letra e letra-som presentes em outros elementos, possibilita desempenhos diferenciados. Focalizando a nasal, como ponto de partida heurístico, teríamos mais elementos para identificar estratégias não só vinculadas a seu uso como também ao de diversos outros elementos ortográficos, cujo estudo possibilitaria estabelecer uma escala de referência sobre o padrão evolutivo da ortografia.

Para alcançarmos este objetivo, analisamos 558 textos produzidos por crianças de escolas públicas e particulares de Fortaleza e Curitiba, constitutivos do *corpus* da "Base Computadorizada para Análise Comparativa da Escrita Infantil" (reproduções da história de Chapeuzinho Vermelho), em que foram identificadas, através do programa Textus (Hidalgo, 1996), 5561 palavras com uma ou mais nasais pré-consonantais (5181 com *n*; 380 com *m*).

Os textos foram classificados segundo critérios de usos convencionais, omissões, omissões+substituições, substituições. Devido às limitações de tempo e espaço de nossa comunicação, apresentaremos apenas a distribuição dos resultados gerais a fim de que possamos focalizar, posteriormente, o uso de substituições.

Quadro 1

Distribuição de textos com nasal convencional (Conv.), com omissão (Om.), omissão e substituição (Om.+Sub.), e substituição (Sub.) por série e classe social (em % com respeito ao total de cada grupo)

Grupos	Conv.		Om.		Om. + Sub.		Sub.		Subtotal	
1b	08	15%	18	35%	12	23%	14	27%	52	100%
2b	14	28%	12	24%	15	30%	09	18%	50	100%
3b	29	42%	07	10%	12	17%	21	30%	69	99%
4b	48	60%	12	15%	06	7%	14	17%	80	99%

Grupo	Conv.		Om.		Om. + Sub.		Sub.		Subtotal	
1m	23	40%	12	21%	09	16%	13	23%	57	100%
2m	35	48%	12	16%	07	10%	19	26%	73	100%
3m	53	64%	08	10%	04	5%	18	21%	83	100%
4m	68	72%	05	5%	04	4%	17	18%	94	99%
Total	278	50%	86	15%	69	12%	125	22%	558	99%

A distribuição dos dados permite verificar que a representação convencional da nasal pré-consonantal não está consolidada nem mesmo após as quatro séries do 1º grau. 40% dos textos da 4b e 28% dos da 4m ainda apresentam problemas. O uso convencional aumenta gradativamente da 1b à 4b e da 1m à 4m. Isso se dá, porém, com uma distribuição percentual bastante diversificada entre classes sociais. Os textos da 1m apresentam percentuais de uso convencional similares aos dos textos da 3b. No grupo b, o maior salto em direção à convencionalidade se dá entre 3b e 4b; no grupo m, entre 2m e 3m.

Considerando-se em conjunto os textos com omissão e com omissão+substituição, pode-se verificar uma curva descendente gradual: 58% > 54% > 27% > 22%, para 1b, 2b, 3b e 4b; 37% > 26% > 15% > 9%, para 1m, 2m, 3m e 4m.

Dentre outros motivos (p.ex., problemas no traçado das letras), as substituições podem-se dar pela produtividade da letra *n* português. A letra *n* é consideravelmente mais produtiva, como nasal pré-consonantal, do que a letra *m*. Esta última tem seu uso circunscrito à presença de um *p* ou *b*; já o *n* ocorre diante de todas as demais consoantes. Entretanto, em posição final, a letra *m* é de uso quase exclusivo. São muito poucas as palavras terminadas por *n*.

Podemos supor que se a criança adota, para a escrita de palavras com nasal, estratégias ortográficas globais, as substituições de *m* por *n* serão mais freqüentes do que as inversas, uma vez que o *n* é mais freqüente no interior da palavra. Entretanto se adota para tais palavras estratégias de segmentação silábica, as substituições do *n* por *m* serão mais freqüentes e se darão predominantemente em palavras compostas por sílabas que poderiam corresponder a seqüências gráficas autônomas. Uma evidência dessa última estratégia poderia ser a incidência de hipersegmentações em palavras constituídas por sílabas como *em*, *sem*, *com*, *bom*.

As substituições de *n* por *m* foram, na quantificação por classe social, 5% (116/2424) na baixa; 4% (114/2757) na média. As de *m* por *n*, foram 11% (20/179) na baixa; 12% (24/201) na média. Aparentemente, é mais provável a substituição de *m* por *n* do que o inverso. Embora existam regras distribucionais para o uso de cada uma dessas nasais (regras que não admitem excepcionalidade), a produtividade superior da nasal *n* parece desempenhar um papel importante.

Para uma análise mais detalhada do contexto em que ocorrem as substituições, as palavras com *n* pré-consonantal foram distribuídas em duas categorias: (1) palavras com as sílabas *em*, *sen*, *ten*, *con*, *bon*, em posição inicial ou medial (+SA), como *então*, *sentir*, *tentar*, *conversar*, *bonzinho*, *conselho*, *encontrar*; (2) palavras sem as sílabas *em*, *sen*, *ten*, *con*, *bon*, em posição inicial ou medial (-SA), como *aonde*, *brincar*, *pensar*, *monte*, *frente*.

Tal subdivisão tem como justificativa o fato de as sílabas acima especificadas corresponderem às seqüências gráficas autônomas *em*, *sem*, *vem*, *tem*, *com*, *bom*. Partimos da suposição de que se a criança não tem memorizada a forma gráfica da palavra como um todo e não se vale das regras distribucionais para o emprego da nasal, é provável que recupere a forma memorizada das sílabas

que também têm status de palavra, em palavras de mais de uma sílaba, constituídas por uma ou mais das sílabas correspondentes a seqüências gráficas autônomas. Assim esperamos encontrar nas palavras +SA percentuais superiores de substituições aos daquelas -SA.

Nessa quantificação, uma palavra que apresentava duas das citadas sílabas, p. ex., *encontrar*, foi computada duas vezes. Os resultados obtidos parecem confirmar a suposição explicitada acima, como mostram os dados dos quadros 2 e 3.

Quadro 2

Distribuição de ocorrências de uso convencional (+), omissão (-), substituição por *m* (>*m*), substituição por outra letra (>*x*) da nasal pré-consonantal *n* em palavras COM as sílabas en, sen, con, bon (+SA) (classe baixa).

	1b		2b		3b		4b		Total	
+	20	32%	65	68%	172	82%	311	94%	568	81%
-	17	27%	08	8%	05	2%	05	1%	35	5%
> <i>m</i>	24	39%	19	20%	31	15%	14	4%	88	13%
> <i>x</i>	01	2%	03	3%	00	-	01	0,3%	05	1%
Total	62	100%	95	99%	208	99%	331	99,3%	696	100%

Quadro 3

Distribuição de ocorrências de uso convencional (+), omissão (-), substituição por *m* (>*m*), substituição por outra letra (>*x*) da nasal pré-consonantal *n* em palavras COM as sílabas en, sen, con, bon (+SA) (classe média).

	1m		2m		3m		4m		Total	
+	43	67%	131	80%	232	92%	319	93%	725	88%
-	04	6%	03	2%	00	-	05	1%	12	1%
> <i>m</i>	16	25%	30	18%	20	8%	17	5%	83	10%
> <i>x</i>	01	2%	00	-	00	-	01	0,3%	02	0,2%
Total	64	100%	164	100%	252	100%	342	99,3%	822	99,2%

O percentual de substituições de *n* por *m* em todas as palavras com nasal pré-consonantal presentes nos textos da classe baixa foi de 5% (116/2424). Nas palavras +SA, porém, esse percentual sobe para 13% (88/696), mais de duas vezes superior. Isto significa que das 116 palavras com esse tipo de substituição apenas 28 não apre-

sentavam uma das sílabas que também correspondem a palavras autônomas. Por exemplo, *tramcou*, *ninguém*, *aomde*, *brimcando*, *pepsou*, *grande*, *fremte*, *amjo*, *antes*, *cantar*, *criança*, *dentro*, *doemte*, *perguntar*, *branca*.

Em todas as séries, as substituições de *n* por *m* nas palavras +SA (quadros 2 e 3) são superiores àquelas presentes no conjunto de palavras com nasal *n*: 39% X 12%, 1b; 25% X 8%, 1m; 20% X 7%, 2b; 18% X 8%, 2m; 15% X 6%, 3b; 8% X 3%, 3m; 4% X 2%, 4b; 5% X 2%, 4m.

As omissões da nasal nas palavras +SA são 5% na classe baixa e 1% na média. No conjunto de palavras com nasal são 9% na baixa e 3% na média. Essa diferença em favor das +SA pode ser interpretada como resultante do emprego de uma estratégia de análise silábica da palavra ao escrevê-la.

Considerando a posição da sílaba com nasal *n* ou *m*, e a vogal precedente a essas nasais, verificamos uma concentração de trocas em sílaba inicial, em especial junto às vogais *e* e *o* (a última se precedida das consoantes *c* e *b*). Nessas posições o *m* é favorecido, por exemplo: *em_cotrou*, *emcontrou*, *em_com_trou*, *em_go_liu*, *em_tregã*, *emtro*, *em_tão*, *em_tão*, *comcordor*, *comtrato*.

As hipersegmentações verificadas nessas palavras podem indicar a tendência da criança a considerar as seqüências *em* e *com* como autônomas, o que ratifica a nossa interpretação. As substituições de *n* por *m* em palavras com tais características foram significativamente superiores às verificadas em outras palavras com a nasal *n* em sílaba que não corresponde a seqüências gráficas autônomas, como se pode ver nos quadros abaixo, constituído por tais palavras.

Quadro 4

Distribuição da nasal pré-consonantal *n* em palavras SEM as sílabas en, sen, con, bon (classe baixa).

	1b		2b		3b		4b		Total	
+	97	52%	185	69%	436	92%	776	97%	1494	86%
-	79	42%	70	26%	25	5%	18	2%	192	11%
> <i>m</i>	07	4%	07	3%	07	1%	06	1%	27	2%
> <i>x</i>	04	2%	06	2%	04	1%	01	0%	15	1%
Total	187	100%	268	100%	472	99%	801	100%	1728	100%

Quadro 5

Distribuição da nasal pré-consonantal *n* em palavras SEM as sílabas en, sen, con, bon (classe média).

	1m		2m		3m		4m		Total	
+	213	83%	310	89%	545	96%	753	98%	1821	94%
-	33	13%	26	7%	13	2%	05	0,6%	77	4%
>m	09	3%	10	3%	07	1%	05	0,6%	31	2%
>x	02	1%	01	0,3%	01	0,2%	02	0,3%	06	0,3%
Total	257	100%	347	99%	566	100%	765	99,5%	1935	100%

Comparando-se as palavras com e sem as seqüências autônomas (+SA e -SA), nas duas classes sociais, podemos observar em relação a omissões e substituições: (a) o percentual de omissões nas +SA é significativamente inferior àquele observado nas -SA (5% X 11%, classe baixa; 1% X 4%, classe média); (b) o percentual de substituições nas +SA é significativamente superior àquele verificado nas -SA (13% X 2%, classe baixa; 10% X 2%, classe média); (c) nas +SA, as substituições são mais freqüentes do que as omissões, enquanto que nas -SA (exceto na 4m) as omissões são mais freqüentes do que as substituições; (d) a nasal pré-consonantal parece começar a aparecer nas palavras com sílabas +SA.

As substituições de *m* por *n* apresentaram, no geral, percentuais superiores àqueles de *n* por *m*. Sendo o *n* pré-consonantal consideravelmente mais produtivo do que o *m*, seria de esperar que tal se desse. A criança está exposta a uma quantidade bem maior de *n* no interior da palavra do que de *m*. Por outro lado, o *m* final talvez seja ainda mais freqüente do que o *n* pré-consonantal. Se aceitamos que a informação visual interfere nas escolhas gráficas, teríamos em palavras +SA um conflito. Optar por *n*, porque dentro da palavra essa letra é mais freqüente, ou optar por *m*, porque no final de sílabas que também funcionam como palavras autônomas o *m* é mais freqüente. Favorecendo a opção (convencional) por *m* há a regra ortográfica que prescreve o seu uso antes das bilabiais; há, ao mesmo tempo, a informação visual armazenada que determina o uso de *m* (convencional ou não-convencional) em função do que vem antes na sílaba da qual faz parte (p. ex., se antes da nasal é *e*, escreve-se *m*; se antes é *co*, também se escreve *m*). O que considerar ao se escrever? Aquilo que já foi escrito ou o que se vai ainda escrever? Se a opção é pelo que já foi escrito, a escolha incidiria sobre *m* se a palavra é +SA; se é pelo que ainda vai ser escrito, a opção também seria por *m*, se a letra seguinte é *p* ou *b*. Entretanto há a

informação visual (informação ortográfica incompleta) de palavras com nasal pré-consonantal, e nestas predomina o *n*.

Esses fatores conjugados instauram em palavras com +SA um conflito potencialmente superior àquele possível em palavras com -SA. Nessas últimas a consideração pelo que já foi escrito é provavelmente pequena, pois sílabas como *gram*, *cam*, *om* não existem como palavras autônomas.

As palavras com a nasal pré-consonantal *m* tiveram poucas ocorrências (380 no total), se comparadas àquelas com *n* (5181 no total). Destas 380, 292 eram +SA (p. ex., *sempre*, *embora*, *bombom*). Embora sendo poucas as ocorrências, as substituições de *m* por *n*, diferentemente do que ocorre com as de *n* por *m*, aumentam com a escolaridade e independem de a palavra ser +SA ou -SA (12% X 11% de substituições, respectivamente). Nesse caso parece haver dois diferentes tratamentos para palavras com nasal *n* e nasal *m*. Nas primeiras o fato de ser +SA implica uma freqüência superior de substituições por *m*. Nas segundas, o tipo de palavra não interfere. O que se pode provisoriamente deduzir é que as substituições de *m* por *n* ocorrem independentemente da constituição individual da palavra – o *n* é a nasal preferida para marcar a nasalidade. Já as substituições de *n* por *m* são localizadas.

Referências bibliográficas

- HIDALGO, I. G. O sistema TEXTUS. In: FERREIRO, E. et al. *Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever – estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas*. São Paulo: Ática, 1996.
- VÉRONIS, J. Étude quantitative sur le système graphique et phono-graphique du français. *Cahiers de Psychologie Cognitive*, v. 6, p. 501-531, 1986.